

mpereira@globo.com.br

MERVAL PEREIRA

A cristianização de Dilma se torna mais possível do que a vitória dela num primeiro turno nas eleições presidenciais

Voto útil

A pesquisa eleitoral com a presença de Marina Silva suscita discussão interessante sobre o voto útil. A perspectiva de que a presidente Dilma seja derrotada no segundo turno, possibilidade que já se observava em várias pesquisas anteriores, que chegaram a dar a Aécio Neves, do PSDB, um empate técnico com ela e registravam um crescimento potencializado de Eduardo Campos, abre caminho não apenas para o movimento “volta Lula”, que parece inócuo a essa altura da campanha, como mesmo para um realinhamento de apoios na base aliada.

A decisão do senador Romero Jucá, o líder de todos os governos, de anunciar seu apoio a Aécio Neves, abre mais uma brecha no PMDB e prenuncia alguma mudança de ventos. O receio de que Marina possa chegar ao 2º turno derrotando Aécio, com chances de vencer Dilma, pode desencadear uma espécie de “voto útil” daqueles que não estariam confortáveis com sua vitória.

O vídeo de campanha de Eduardo Campos que vazou na internet é

de uma rispidez verbal contra líderes do PMDB raramente vista em programas políticos nos últimos tempos. Agora, com a assunção de Marina à posição de candidata, ganha mais eficácia e produzirá um movimento de defesa desse grupo político.

Com a perspectiva de derrota de Dilma por Marina, alguns poderão permanecer no barco governista tentando uma reação, mas muitos começarão a procurar pontos de apoio na candidatura do PSDB. O mesmo pode acontecer com candidatos ligados ao agronegócio, que ainda estão coligados com o PSB graças aos esforços que Campos fez para montar acordos regionais que viabilizassem a candidatura.

Marina dificilmente manterá esses acordos, por mais que o PSB precise deles para fortalecer sua apresentação no Congresso. É bom lembrar que concorrendo pelo Partido Verde em 2010, Marina não agregou um só deputado à bancada do partido, mesmo tendo tido quase 20% dos votos válidos.

Partindo-se do pressuposto de que mais do que nunca Marina representará a oposição nesta eleição, há ainda a possibilidade de o

voto útil trabalhar a favor de Aécio a partir da inexperiência de Marina na administração pública. Mas a campanha do PSDB vai ter que buscar um eleitor que não se entusiasmou, ainda, com a eleição e só saiu de sua letargia diante da realidade de Marina vir a ser candidata.

Uma desconstrução da candidata do PSB pode fazer esse eleitor desiludido voltar a se encolher, e não a trocar de candidato. Daí que a capacidade de convencimento de que ele é mais capaz de realizar as mudanças necessárias será fundamental. Já são 76% dos eleitores detectados pelo Datafolha que querem mudanças na condução do país, o que não favorece a continuidade.

Mas o voto útil também pode beneficiar a candidatura de Marina, à medida que ela surja como a única que pode derrotar Dilma num 2º turno. Caso Aécio não cresça a ponto de também surgir como uma alternativa no segundo turno, ele pode perder eleitores ainda no primeiro turno para Marina, num voto útil contra o PT.

A tarefa de Marina é mais árdua do que a de Aécio, pois o candidato

tucano tem mais espaço para crescer, já que é o mais desconhecido, tem uma estrutura partidária mais forte e turbinada pelas dissidências regionais de partidos da base governista e mais tempo de propaganda que Marina. A disputa com Marina minimiza o menor tempo de TV em relação a Dilma.

Cada um dos dois opositores terá que correr mais que o outro, como naquela piada do caçador fugindo do leão. A princípio, a disputa com Dilma se dará no segundo turno, mas também não é possível deixar de marcar um triplo na definição de quem estará lá. Embora seja improvável, até mesmo porque a presidente vem se recuperando na aprovação do governo, o voto útil pode feri-la de morte.

A possibilidade de uma cristianização da presidente pelos partidos da base aliada, que sempre preferiram ganhar com Aécio do que com Dilma, está viva no novo quadro eleitoral em que a sua derrota surge pela primeira vez como possibilidade. Torna-se mais possível do que a vitória de Dilma num primeiro turno, hipótese que ainda existe se ela continuar tendo sua avaliação reavaliada para cima.

DITADURA MILITAR**Grávida, jornalista foi torturada com uma cobra**

Pela primeira vez, Míriam Leitão relata experiência sofrida na prisão, aos 19 anos

Uma jovem universitária de 19 anos, grávida, é sequestrada e presa por militares e colocada numa sala escura, nua, com uma cobra. A experiência sombria vivida pela jornalista Míriam Leitão durante os anos de repressão no país, na década de 1970, só veio a público agora, mais de 40 anos depois.

O relato, feito ao repórter do site “Observatório da Imprensa”, Luiz Cláudio Cunha, traz detalhes das atrocidades que Míriam sofreu nas mãos dos agentes da ditadura, quando foi detida, no final de 1972, no 38º Batalhão de Infantaria do Exército em Vila Velha.

É um depoimento histórico, feito em primeira pessoa, da jornalista, formada pela

Universidade Federal do Espírito Santo e que se tornou referência na área econômica, tendo conquistado diversos prêmios ao longo da carreira. Míriam Leitão é, hoje, comentarista da TV Globo e da Rádio CBN, colunista e escritora. Confira alguns trechos da entrevista.

PRISÃO

Eu morava numa favela de Vitória, o Morro da Fonte Grande. Num domingo, 3 de dezembro de 1972, eu e meu companheiro na época, Marcelo Netto, estudante de Medicina, acordamos cedo para ir à praia do Canto, próxima ao centro da Capital. Acordei para ir à praia e acabei presa na Praia. É o bairro que abriga o Forte de Piratininga, essa construção bonita do século 17. Ali está instalado o quartel do 38º Batalhão de Infantaria do Exército.

Eu vestia uma camisa branca larga, de homem, sobre o biquíni vermelho. (...) Em instantes estávamos cercados. Como eu berrava, me puxaram pelos cabelos, me agarraram para me colocar no carro. Eu, ainda com aquela coisa de Justiça na cabeça, reclamei: ‘Moço, cadê a ordem de prisão?’. O homem botou a metralhadora no meu peito e respondeu com outra pergunta: ‘Esta serve?’.

TORTURA

Fui levada para uma grande sala vazia, sem móveis, com as janelas cobertas por um plástico preto. Com a luz acesa na sala, vi um pequeno palco elevado, onde me colocaram de pé e me mandaram não recostar na parede. Chegaram três homens à paisana, um com muito cabelo, preto e liso, um outro ruivo e um des-

cedente de japonês. Mandaram eu tirar a roupa. Uma peça a cada cinco minutos. Tirei o chinelo. O de cabelo preto me bateu: ‘Ároupa! Tire toda a roupa’.

Fui tirando, constrangida, cada peça. Quando estava nua, eles mandaram entrar uns 10 soldados na sala. Eu tentava esconder minha nudez com as mãos. O homem de cabelo preto falou: ‘Posso dizer a todos eles para irem pra cima de você, menina. E aqui não tem volta. Quando começamos, vamos até o fim’.

COBRA

Eles saíram e o homem de cabelo preto, que alguém chamou de Dr. Pablo, voltou trazendo uma cobra grande, assustadora, que ele botou no chão da sala, e antes que eu a visse direito apagaram a luz, saíram e me deixaram

ali, sozinha com a cobra. Eu não conseguia ver nada, estava tudo escuro, mas sabia que a cobra estava lá. A única coisa que lembrei naquele momento de pavor é que cobra é atraída pelo movimento. Então, fiquei estática, silenciosa, mal respirando, tremendo. Não era de frio. Era um tremor que vem de dentro.

GRAVIDEZ

Eu entrei no quartel com 50 kg de peso, saí três meses depois pesando 39 kg. Cheguei lá com um mês de gravidez, e tinha enormes chances de perder meu bebê. Foi o que médico me disse, quando saí de lá, com quatro meses de gestação.

Eu estava com um mês de gravidez, e disse isso a eles. Não adiantou. Ignoraram a revelação e minha condição de grávida não aliviou minha condição lá dentro.



Míriam Leitão ficou três meses presa no 38º BI, em Vila Velha

gazetaonline.com.br

Confira no site o depoimento completo da jornalista Míriam Leitão.